

## Do cuidado de si ao cuidado pelos outros: sobre como a teologia cristã separou a espiritualidade da ética - uma provocação de Michel Foucault

Giovanni Felipe Catenaci<sup>1</sup>

**Resumo:** Tradicionalmente a obra filosófica de Michel Foucault é dividida em três fases: arqueológica, genealógica e ética. Neste artigo examinamos a terceira fase, na qual Foucault passa a focar nas dimensões positivas e criativas de poder, realizando com isso uma transição para o tema da ética-política. É nesse contexto que desenvolve sua noção de espiritualidade como “cuidado de si”: em suma, um conjunto de técnicas subjetivadoras. Todavia, a trajetória empreendida por Foucault revela que gradativamente a espiritualidade acabou por se separar da ética; vindo a se tornar um dispositivo de objetificação. O propósito deste artigo é mostrar como a teologia do poder pastoral cristão influenciou essa cisão entre espiritualidade e ética.

**Palavras Chave:** Foucault, espiritualidade, cuidado de si, poder pastoral.

**Abstract:** This article is on Foucault’s concept of spirituality and how Christian theology of pastoral power influenced the split between spirituality and ethics.

**Keywords:** Foucault, spirituality, pastoral power, care of oneself.

### Poder, saber e verdade em Foucault - uma introdução

A espiritualidade como “cuidado de si” aparece no contexto das aulas ministradas por Foucault no Collège de France em 1982, momento em que o filósofo através de uma espécie de história das relações entre o sujeito e a verdade, lecionava sobre as práticas subjetivadoras dos períodos grego clássico e helenístico, e romanos do I e II séculos d.C.<sup>2</sup> Vale dizer também que estas aulas fazem parte do último período de suas pesquisas, um período sobretudo marcado pela preocupação ética, que a saber será sempre transpassada pela política.

Ademais é também neste momento - para além de suas investigações acerca da dimensão repressiva e negativa do poder -, que Foucault transfere sua atenção para as práticas produtivas do poder. Com isso, pretendia compreender o seu lado criativo. De acordo com suas próprias palavras

---

<sup>1</sup> Formado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre pelo programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da UMESp com pesquisa financiada pelo CNPq. Especialista em Filosofia Contemporânea e História, na mesma Universidade. E atualmente é doutorando no PPG de Ciências da Religião da UMESp, com pesquisa financiada pela CAPES. Email: giovannicatenaci@hotmail.com

<sup>2</sup> Estas aulas foram editadas em forma de livro no Brasil no ano de 2001 sob o título de *A hermenêutica do sujeito*.

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar fundamentos de tal análise. Meu objetivo ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos (FOUCAULT, 1995, p.231).

Assim, diríamos que para Foucault o poder é algo que atravessa todas as relações humanas, nas quais os indivíduos livres, estrategicamente exercem sua força mutuamente uns sobre os outros. Neste sentido, mais preciso seria dizer relações de poder, uma vez que para Foucault não há poder em si. Deste modo, fora dos estados de dominação – onde não há a resistência – as relações de poder estão presentes por todas as partes da sociabilidade humana. Há que se dizer também, que as relações de poder para o filósofo francês se constituem nos campos do saber, que se constroem a partir dos discursos verdadeiros. De tal forma que não haveria relação de poder sem que haja constituído um campo de saber, ou que não há poder sem verdade.

Por isso, em Foucault saber e poder constituem os “dois lados da mesma moeda”, afinal como dissemos não há poder sem saber. Por outro lado de igual modo, não haveria saber, nem verdade que não estivessem circunscritos a relações de poder. Isto é, que não há qualquer espécie de saber e verdade que não estejam fundamentadas sobre relações de poder. Portanto, a verdade não diz respeito àquilo que corresponde à realidade, mas tão somente o que o saber e o poder postularam como sendo verdadeiro. Ou seja, “não existe uma verdade absoluta e universal que precisa ser descoberta e sim, que nossas verdades são históricas e contingentes” (GONÇALVES, 2014, p.3). , Seja como for, para além das discussões sobre o que seja a verdade em si, o que importa a Foucault é investigar as condições que possibilitam que determinados discursos sejam aceitos como verdadeiros e outros não.

Feito estes esclarecimentos, voltemos à noção de espiritualidade propriamente dita.

### **Espiritualidade como cuidado-de-si**

De volta ao curso ministrado em 1982 no Collège de France... Já na primeira aula, Foucault irá introduzir a sua noção acerca da espiritualidade. E o faz a partir de um diálogo entre Sócrates e Alcibíades relatado por Platão. Lá, Alcibíades que é um jovem bem nascido, belo e rico, pretende transformar as vantagens de seu *status* social em habilidade e destreza políticas. Em suma, Alcibíades deseja aprender de Sócrates aquilo que lhe é necessário saber e possuir, a fim de que bem governasse os outros. Ao que Sócrates lhe aconselha seguir o preceito délfico: “Conhece-te a ti mesmo”; que nesse momento da história, aliás, está em estreita harmonia com outro preceito fundamental, a saber o “cuidado de si” (*Epiméleia heautou*). Enfim, como vemos, à Alcibíades, Sócrates conclui que para cuidar dos outros, a primeira coisa a se fazer era começar a cuidar de si mesmo.

Diálogo à parte, diríamos que as vigas mestras que perpassarão e darão coesão ao curso no *Collège de France*, são justamente os conceitos relativos ao conhecimento de si - cuidado de si. Especificamente, conforme argumenta Salma Tannus Muchail, a partir destes conceitos Foucault irá identificar as duas maneiras diferentes de

apreensão dos nexos entre sujeito e verdade, e os respectivos modos de subjetivação delas provenientes.

Diz Muchail

O ‘conhecimento de si’ corresponde a uma concepção do homem como sujeito do conhecimento, cuja identidade é estruturalmente já construída e substancialmente sempre a mesma; sujeito que conhece, é ele a condição de possibilidade e origem da verdade. Assim, a verdade – privilégio do sujeito em virtude de sua natureza cognoscente – é verdade de representação, de cognição ou intelectual, estabelecendo-se numa relação línea com o sujeito do qual descende (MUCHAIL, 2011, p. 90).

Já,

O ‘cuidado de si’ corresponde ao sujeito de ações, sem essência substancial, cujo modo de ser é autoconstituído em exercícios ou práticas que o transformam continuamente. A verdade, neste caso - não sendo resultado exclusivo do ato de conhecimento -, é antes do mais, verdade praticada, exercida, verdade de vida, cujos efeitos retornam sobre o sujeito e o modificam, com ele estabelecendo uma relação circular (MUCHAIL, 2011, p. 91).

Como derivação destes dois modos de reflexão sobre os nexos existentes entre sujeito e verdade, chegamos agora àquilo que Foucault chama “formas de pensamento”. Respectivamente, a primeira delas é a “filosofia”, que Foucault faz sempre questão de colocar entre aspas. A segunda é a “espiritualidade”; nem sempre posta entre aspas. Tendo em vista estas duas “formas de pensamento” - que como vimos é uma derivação daquelas duas maneiras de apreender os nexos entre sujeito e verdade -, Foucault afirma

Chamamos de “filosofia”, se quisermos, esta forma de pensamento que se interroga, não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz [...] que haja e possa haver verdadeiro e falso, sobre o que nos torna possível ou não separarmos o verdadeiro do falso. Chamemos de “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos “filosofia” creio que poderíamos chamar de “espiritualidade” o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do

sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade (FOUCAULT, 2004, p.19).

Como vemos há uma diferença clara entre aquilo que Foucault entende por “filosofia” e espiritualidade. Entrementes, apelando a um sotaque heideggeriano, diríamos que a primeira é tipicamente metafísica, e se deslocaria no âmbito da representação de uma *rátio* que através do pensamento-metafísico pensa pensar o ser do ente. Enquanto que a segunda, situada aquém da metafísica, para além dos esforços de representação do ser do ente, através de um pensamento-experiência busca experimentar o ser em sua presença clara-escura.<sup>3</sup>

De nossa parte, ainda buscando compreender o que seja a espiritualidade em Foucault, destacamos as suas três características elementares. *i)* A primeira delas sugere que a verdade não está acessível ao sujeito através do puro ato de conhecimento, ou seja, o sujeito não pode chegar à verdade através da simples razão. Na realidade, ao sujeito é requerido um processo de transformação-de-si para que então a verdade possa alcançá-lo. *ii)* A segunda, diz respeito a esta transformação que ocorrerá por meio de dois movimentos fundamentais: primeiramente o sujeito deverá ser iluminado e arrebatado pela verdade, para que em seguida, uma vez que ele foi provocado a se retirar de sua condição atual, comece o trabalho sobre si mesmo através de uma espécie de esteticização da própria existência, que ocorrerá através do conhecimento-cuidado-de-si por meio das técnicas espirituais, e que lhe permitirá um existir verdadeiro. *iii)* Finalmente a terceira característica que configura a noção de espiritualidade em Foucault, concerne aos efeitos transformadores que a verdade produziu no sujeito; diríamos que ao ser transformado pela verdade o sujeito já não é o mesmo, é outro, um “convertido” à verdade de si mesmo. Sinteticamente falando, a espiritualidade pode ser caracterizada então: como um conjunto de práticas e técnicas de si, por meio das quais o sujeito que transforma a si mesmo, e descobre as condições para ser acessado pela verdade. Ademais, a espiritualidade seria aquilo que possibilitaria ao sujeito amadurecer como pessoa e cidadão, a fim de que pudesse gozar de uma existência verdadeira, bela e digna de ser vivida (FOUCAULT, 2004).

Sendo assim, poderíamos dizer também que é através da espiritualidade que o sujeito pode experimentar a liberdade. Isso pois, ao reivindicar um certo modo alternativo de pensamento - que diríamos ser resistente ao modelo essencialista-metafísico -, a espiritualidade enquanto dispositivo para a produção de novas subjetividades, surge como plataforma para a liberdade. Conforme confirmam as palavras de Gonçalves “É justamente nessa possibilidade de explorar novas subjetividades, ou seja, explorar novas formas de nos constituirmos como sujeitos [...] que podemos encontrar uma liberdade concreta e efetiva” (GONÇALVES, 2014, p.6).

Já em relação à liberdade há que se dizer que não se trata de uma essência, algo que a espécie humana tivesse inscrito em sua natureza – aliás, em Foucault não há natureza humana. Nem tampouco a liberdade sugeriria um modo egoísta-hedonista de viver, onde a mesma é análoga a satisfação plena dos desejos individuais humanos. Em vez disso, “A liberdade é a condição ontológica da ética” (FOUCAULT, 2014, p.8); ética que para Foucault, diz respeito aos exercícios operados por si e sobre si através dos quais os sujeito podem se transformar a si próprios de maneira livre.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Em *Foucault, mestre do cuidado*: textos sobre A hermenêutica do sujeito, Muchail estabelece um interessante diálogo entre Heidegger e o filósofo francês.

<sup>4</sup> É importante lembrar que para Foucault as relações de poder estão em toda a parte, que não é possível vivermos alienados delas. Por isso, obviamente que “livre” aqui não diz respeito a total ausência de

Por isso, enquanto espaço no qual os indivíduos constroem-se a si próprios, a liberdade quando alinhada à espiritualidade – conjunto de técnicas através das quais os sujeitos operariam o seu auto-fazimento –, se erige como plataforma para a constituição de sujeitos éticos, moralmente verdadeiros. Destarte, para o filósofo francês as práticas de espiritualidade como cuidado de si, conformam a principal plataforma de subjetivação dos períodos grego clássico e helênico. Retomando o diálogo de Platão, diríamos que para melhor governar os outros, Alcibíades fora aconselhado por Sócrates a praticar a sua espiritualidade – isto é, conhecer e cuidar de si mesmo.

Acontece que não obstante a uma série de variantes, a teologia cristã ao aprofundar alguns aspectos já presentes na filosofia grega, acabou por instaurar uma cisão entre espiritualidade e ética. De tal modo que o cuidado de si, veio a se tornar cuidado pelos outros. Cuidado este que ocorre por meio do controle de si. Enfim, é o que buscaremos demonstrar a seguir quando tratarmos dos dois momentos fundamentais na história da espiritualidade em Foucault.

### 3. Poder pastoral e a história da desmoralização teológica da ética<sup>5</sup>

Seguindo seu empreendimento historiográfico, Foucault identifica dois momentos históricos fundamentais na história da espiritualidade. Momentos estes que revelam que apesar de pertencerem ao mesmo contexto filosófico, “cuidado de si” e “conhecimento de si” gradativamente irão se separar. Respectivamente, o primeiro momento histórico nos remete ao período socrático-platônico. Este momento é formado por aquilo que Foucault chama de “paradoxo do platonismo” (MUCHAIL, 2011, p. 92). Haja vista que se por um lado em Platão há o ingresso da espiritualidade no pensamento filosófico, por outro há também os germens de um “conhecimento puro” que começa a ser esboçado na ausência da espiritualidade. Conforme sugere Foucault, é com Platão que o conhecimento começa a se tornar autônomo e a espiritualidade a ser desmoralizada.

Contudo, é somente no século XVI com aquilo que Foucault denomina “momento cartesiano” que a espiritualidade será banida da filosofia. Doravante, ser espiritual se tornará sinônimo de ser irracional. A saber com Descartes, há “a passagem do exercício espiritual ao método intelectual” (FOUCAULT, 2004, p.281). Assim

Se definirmos a espiritualidade como gênero de práticas que postulam que o sujeito, tal como ele é, não é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, é capaz de transfigurar o sujeito, diremos então que a idade moderna das relações entre sujeito e verdade começa no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito" (FOUCAULT, 2004, p.24)

---

dominações externas, mas tão somente da possibilidade que os sujeitos dispõem de poderem resistir criativamente a elas.

<sup>5</sup> Dos textos que Foucault empreende uma analítica do poder pastoral, destacamos dois que serviram de base para as nossas leituras: *Segurança, território e população* (1977-1978), e *Do governo dos vivos* (1980).

Mas antes de chegar a Descartes, a noção de espiritualidade fora duramente golpeada por aquilo que Foucault denomina de poder pastoral – e é aqui, que focaremos nossos esforços, a fim de compreendermos como a teologia separou a ética da espiritualidade.

Ao voltar seus olhares à história do cristianismo, com seus discursos e suas disciplinas, Foucault constata que já em seu nascedouro, o cristianismo operaria um deslocamento-transformação nos exercícios e práticas espirituais referentes ao cuidado de si presentes nos períodos anteriores.

Especificamente, conforme destaca Barros II

Este cuidado de si que inicialmente visava a emancipação do indivíduo, possibilitando ao indivíduo antigo transformar-se em um cidadão capaz de ascender a verdade e, portanto, viver uma vida bela e digna de ser vivida, posteriormente foi deslocado e transformado. Tal ação de deslocamento e transformação, que conformou um conjunto de práticas que tinham como foco o cuidado do indivíduo pelos outros, servindo a consequente subordinação desse indivíduo a padrões de conduta externos, alheios a sua vontade (BARROS IIb, 2011, p.43).

A este conjunto de exercícios e disciplinas Foucault dará o nome de *poder pastoral*. Não obstante, é através dele que nosso filósofo irá apontar a transição do cuidado de si ao cuidado pelos outros. Como veremos para Foucault, apesar de já estar presente nas culturas egípcias, onde Faraós-Deuses eram comparados a pastores, o poder pastoral vem a ganhar destaque na cultura judaica.

Em relação ao poder pastoral conforme afirma, Kleber Prado Filho

O pastor exerce seu poder sobre um rebanho, e não exatamente um território: o que importa é a relação entre o pastor e seu rebanho; este reúne e guia seu rebanho, que se forma na sua presença, pela sua ação de agrupar indivíduos dispersos – basta que desapareça o pastor para que o rebanho se desmembre; a principal tarefa do pastor diz respeito a garantir a salvação do seu rebanho, que não se dá em conjunto, mas de forma individualizada, implicando um exercício de poder constante e individualmente bondoso, que estabelece metas para o todo e para cada um; o poder pastoral é exercido como dever e abnegação – “o pastor vela o sono de suas ovelhas” – em que a vigília se torna questão fundamental. Ele deve vigiar o conjunto sem perder ninguém de vista, deve conhecer as necessidades de todo e de cada um, no conjunto e nos detalhes, envolvendo atenção individualizada para cada ovelha (FILHO, 2012, p.113).

Como é sabido para os hebreus Javé seria o grande pastor. Tendo em vista que “a salvação do povo judeu seria conseguida, garantida no dia em que o rebanho finalmente tivesse chegado a sua terra natal e tivesse sido conduzido ao seio de Deus” (FOUCAULT, 1978, p. 66), destacamos que a noção de poder pastoral, possui um

caráter fundamentalmente teológico. De qualquer forma é importante dizer que na cultura hebraica, essa salvação não se restringe à vida no pós-morte. Isso pois, o bem que os pastores deveriam ter em vista, é a manutenção da vida do rebanho, sobretudo no aquém-da-morte, durante a travessia do deserto até que o rebanho chegasse são e salvo em pastos verdejantes.

Entretanto com o advento do cristianismo, Foucault irá identificar uma transformação no papel do pastor. A saber, com a pastoral cristã, a preocupação se desloca única e exclusivamente para vida espiritual de suas ovelhas. Isso pois, diferentemente do judaísmo, para os cristãos – ao menos de forma majoritária -, é a “outra vida” a que mais importa. Vida esta que só será conquistada por aqueles que tiverem os “corações puros”. Logo, no cristianismo o bom pastor é aquele que portando a verdade, cuida da conduta moral de suas ovelhas, prima para que elas mantenham a pureza de seus corações em sintonia com a verdade revelada por Deus na Bíblia; para que enfim um dia possam adentrar os céus.

Desta forma,

Se o poder pastoral judeu no seu exercício individualizante de conduzir os indivíduos para a salvação zelava pelo corpo, os gestos, os alimentos, os lugares, tendo o corpo como ponto de aplicação do seu poder benevolente, o poder pastoral cristão se exercerá sobre a alma, sede das decisões humanas, lugar da razão e da vontade, fonte da maldade humana, poço das impurezas que precisa ser vigiado, examinado, compreendido, controlado, disciplinado (COSTA, 2007, p. 90).

Não obstante, tendo em vista que o que mancha o homem, não é aquilo que vem de fora, mas o que vem de dentro (Marcos 7; 15) –, os pastores cristãos estão preocupados sobremaneira com a consciência pessoal de cada uma de suas ovelhas. Esfera esta donde haurem as ações, que concentra os pensamentos, lugar também que é a sede do pecado. Por isso, na teologia cristã o olhar do pastor passa a “se fixar sobre a alma, que será devassada por técnicas precisas” (COSTA, 2007 p.91).<sup>6</sup>

Por conseguinte estes pastores que são portadores da verdade revelada por Deus, ganham *status* de diretores das consciências. Devem saber tudo o que fazem as criaturas do rebanho, cada ovelha em particular, seus mais profundos desejos. De tal modo que

O pastorado cristão implica uma forma de conhecimento particular entre o pastor e cada uma de suas ovelhas que a individualiza. Ele deve conhecer as necessidades pessoais de cada membro do rebanho e, mais que isso, deve saber o que faz cada um, o que lhes acontece, o que se passa em suas almas, seus pecados, seus segredos (FILHO, 2012, p.114).

---

<sup>6</sup> Especificamente em Foucault, alma pode ser compreendida como “psique, subjetividade, personalidade, consciência” (FOUCAULT, 1993, p.31); alma que não obstante é criada por técnicas e mecanismos de subjetivação

Em relação a estas práticas de individualização, ocorridas por meio “direção das consciências”, se destaca a disciplina da “confissão” que basicamente pode ser considerada como sendo um dispositivo disciplinar de exame pastoral.<sup>7</sup> Conforme afirma Barros II

No ato da confissão, o confessor funciona como um condutor de enunciados, buscando extrair do confessante seus prazeres e confrontando-os com os dogmas da igreja, sinônimos de verdade. Assim, o sacerdote acaba por extrair intensidades do corpo através do exercício do poder, criando, com eles, uma verdade sobre o confessante (BARROS II, 2011a, p.220).

Como vemos, através da disciplina da confissão quando a ovelha expõe a esfera íntima de seus pensamentos se alinhando a verdade da igreja, “O pastor disporá de meios de análise, de reflexão, de detecção do que se passa, mas também que o cristão será obrigado a dizer ao seu pastor tudo o que se passa no âmago de sua alma” (FOUCAULT, 1978, p.70). Malgrado restaria a ovelha “fazer uma infinita hermenêutica de si mesmo: conhecer, descobrir e desvelar a sua subjetividade para si e para o outro, para converter-se a um princípio, a uma lei, um modelo (Deus) e a uma autoridade (Igreja)” (COSTA, 2007, p.105). Vale dizer que fortemente influenciada pelas ascetes monásticas do deserto – que pregavam a rejeição total do mundo e de si mesmo, como caminho para a salvação - tal submissão se amparava teologicamente na noção de *apatheia*.<sup>8</sup> Isto é, um esforço em prol da renúncia de todas as paixões naturais humanas, uma vez que para a igreja as paixões naturais humanas eram más por natureza. Seja como for, com o advento do cristianismo, a espiritualidade aos poucos irá se tornar um conjunto de práticas relacionadas à “renúncia de si”. Práticas estas que ao invés do cuidado de si, efetivam um controle de si, mediante o cuidado pelo outro.

Assim, restaria ao indivíduo culpado de seus pecados, incapaz de dar conta de seus próprios pensamentos, decisões e desejos, renunciar ao mundo e a si mesmo. Entregar-se mediante a obediência e constante exame, à direção e governo de outrem. Só assim, estará a salvo.

### **Considerações finais: do como a teologia cristã separou a ética da espiritualidade**

Observando a trajetória do pensamento de Foucault, podemos perceber as maneiras pelas quais a teologia do poder pastoral cristão separou a ética da espiritualidade. Isso pois, diferentemente do período grego clássico e helênico, no pastorado cristão a espiritualidade não se volta mais para a construção de um indivíduo eticamente maduro e responsável, por si e pelos outros. Muito pelo contrário, a despeito daquela espiritualidade proposta à Alcibíades por Sócrates, para a teologia do poder pastoral, para ser espiritual é sobretudo necessário encontrar-se e

---

<sup>7</sup> Importante é dizer que em Foucault as disciplinas são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 1993, p. 126).

<sup>8</sup> A *apatheia* monástica pode ser considerada como uma continuação das práticas ascéticas gregas típica entre os estóicos (BARROS II, 2011a).

dizer-se incapaz, impotente o bastante para se submeter obedientemente aos cuidados de outrem.

Enfim, após estes breves apontamentos, onde tivemos a oportunidade de acompanhar algumas das reflexões realizadas por Michel Foucault acerca da história da espiritualidade no Ocidente – ao menos em seu início –, diríamos que o poder pastoral cristão transformou o cuidado de si, em renúncia de si, controle de si e cuidado pelos outros. Isso na medida em que lança mão de uma teologia do poder pastoral, e transforma o conjunto de práticas espirituais em um dispositivo disciplinar de melhor governabilidade.

Por sua vez a espiritualidade como conjunto de técnicas de si, enquanto plataforma subjetivadora assentada nos atos éticos de liberdade que possibilitariam a construção de um eu maduro e moralmente responsável por si-mesmo e pelos outros, dá lugar um cristianismo cheio de regras e proibições; uma espécie de cristianismo a modo de “manual de escoteiro moral” como diz Jean Lauand (2013, p. 26). De tal modo que já não importa mais ao sujeito transformar-se, tornando-se um cidadão capaz de viver uma vida bela e digna de ser vivida em harmonia com os demais, mas tão somente que aceite a necessidade de se submeter à verdade das instituições, que seja dócil e obediente a elas e seus séqüitos.

Com isso, novamente diríamos que a teologia do poder pastoral cristão operou uma cisão entre a espiritualidade e a ética enquanto cuidado de si. Instaurando, com isso, uma nova matriz de subjetivação no Ocidente: não mais erigida no cuidado de si, mas, calcada na ideia do esquecimento de si, controle de si e cuidado pelos outros.<sup>9</sup>

## Referências

BARROS II, João Roberto. *Epimeleia ton allon cristã: do indivíduo cuidado pelos outros*. Prometeus. Ano 4 – número 7, 2011a. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/viewFile/765/651>>. Acesso em: 02/02/2016.

COSTA, Marcio José de Araújo. *Uma analítica do Poder Pastoral – A emergência das disciplinas em Michel Foucault*. In: Mnemosine Vol. 3, n° 1, p. 80-110, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2008, 226p.

FILHO, Prado Kleber. *A política das identidades como pastorado contemporâneo*. In: *Foucault e o cristianismo*. São Paulo: Autêntica, 2012, 159p.

---

<sup>9</sup> Em seu famoso *Post-Scriptum* sobre as sociedades de controle (1992), Gilles Deleuze sugere que mesmo que estejam a serviço de outras estratégias, as tecnologias pastorais relativas as sociedades disciplinares permanecem vigentes.

FOUCAULT, Michel . (1978) *Diálogo sobre o Poder*. In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 10º ed. Petrópolis: Vozes: 1993.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, Daniel Luis Cidade. *Michel Foucault e a espiritualidade como prática de liberdade*. In: Ferramentario n. 8, 2014.

LAUAND, Jean. *Teologia e Ética: estudos tomasianos*. São Paulo: Factash, 2013.

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, mestre do cuidado: textos sobre a Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Loyola. 2011, 135p.

Recebido para publicação em 20-08-16; aceito em 21-09-16